

Amplitude Hoje Ano 1X nº 65
 Julho / 1999 p. 3
 462

Parque do Sumidouro só existe no decreto de criação

Há vinte anos, época em que a política de meio ambiente em Minas Gerais estava apenas engatinhando, quando o Copam (Conselho Estadual de Política Ambiental) iniciava sua atuação e quando a Amda tinha apenas um ano de idade, a luta contra a construção do aeroporto de Confins (foto), considerada prejudicial ao patrimônio natural e histórico, entrou para a história do movimento ambientalista mineiro.

Os ambientalistas sugeriram que o aeroporto fosse construído em Vianópolis, região oeste da RMBH (Região Metropolitana de Belo Horizonte), mas quando perceberam que a realocação não seria aceita, cobraram do governo a minimização dos impactos ambientais e conseguiram que o licenciamento ambiental da obra tivesse como condicionante a criação do Parque do Sumidouro. Mas, infelizmente, o parque não passou de um decreto.

Na época, o IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil) e a Amda tiveram um papel fundamental, tomando a iniciativa do movimento ocorrido no final de 1979 e início de 1980, contra a construção do Aeroporto de Confins. O movimento foi rapidamente fortalecido pela participação da CCN (Centro de Conservação da Natureza), Centro de Pesquisas Geológicas, Sociedade Brasileira de Geologia e Centro de Estudos de Engenharia.

Segundo José Carlos Laender de Castro, presidente do IAB na época, o barulho e a vibração dos aviões poderiam provocar o rebaixamento de grutas existentes no local. "Neste caso, para evitar o impacto, a obra sofreu um desvio de dois quilômetros", informa Castro.



ARQUIVO EM

"Elefante branco"

Segundo Castro, as entidades questionaram também a viabilidade da construção de um aeroporto internacional na capital mineira. "Belo Horizonte fica no centro de três importantes cidades: Brasília, 'a capital do país', Rio de Janeiro, 'a capital turística', e São Paulo, 'a capital comercial'. Portanto, BH nunca representaria uma boa localização técnica para um aeroporto internacional", opina. Maria Dalce Ricas, Superintendente Executiva da Amda, lembra que os ambientalistas defendiam que o dinheiro gasto na construção do aeroporto, 300 milhões de dólares, poderia ser destinado à melhoria do transporte da capital, beneficiando milhões de pessoas, ao

contrário do aeroporto, cujo benefício é muito restrito.

Profetizou-se na época que o aeroporto seria um elefante branco. Castro considera que a profecia concretizou-se, quando se observa que o aeroporto da Pampulha é muito mais usado, principalmente por sua localização. "De BH ao Aeroporto de Confins, gasta-se de carro em média 45 minutos, 10 minutos a mais que o voo de BH ao Rio de Janeiro. Isto exemplifica a grande aceitação pelo aeroporto da Pampulha e a rejeição pelo aeroporto de Confins", avalia.

Parque do Sumidouro

A efetiva implantação do Parque do Sumidouro, que seria a grande vitória dos ambientalistas,

não se concretizou. O decreto que cria o parque não foi revogado, mas o decreto que declarava a área de interesse público para fins de desapropriação já perdeu a validade, "caducou". O governo não disponibilizou, como deveria, o dinheiro para desapropriação. "Com a construção do aeroporto gastou-se uma fortuna, mas para criar o parque, nada", afirma Ricas.

Atualmente, segundo Francisco Mourão Vasconcelos, assessor da Diretoria Geral do IEF, a área valorizou muito nestes vinte anos e o órgão não dispõe de recursos financeiros necessários à desapropriação e efetiva implantação do parque. Além disso, existem outros parques, cujas situações fundiárias necessitam ainda de regularização e que, pela importância ecológica,

são considerados como prioridade para o órgão, a exemplo dos parques criados recentemente na Jaíba, Parque Sete Salões, numa região de mata atlântica, e Parque Grão Mogol. "O Parque do Sumidouro não é prioridade para o IEF, mesmo porque o governo Federal criou naquela região a APA-Carste Lagoa Santa, que já tem o zoneamento técnico e que determina a forma de uso da área".

Castro e Roberto Messias Franco, coordenador da comissão criada na época para elaborar estudos e indicar diretrizes para a preservação do local, acreditam que ainda há tempo para construção do Parque. "Depende da disponibilidade financeira do Estado e de vontade política, justamente o que faltou na época. O IEF, por exemplo, pertencia à Secretaria de Estado da Agricultura e, naquela época, a questão ambiental era marginal no órgão", opina Franco.

Para Franco a luta não foi totalmente em vão. Ele afirma que "a Apa-Carste Lagoa Santa, criada posteriormente, é 'filhote' da luta contra o aeroporto de Confins". Ressalta ainda que foi graças à mobilização do IAB que a construção do aeroporto se deu de acordo com normas especiais de proteção do meio ambiente, da flora e da fauna da região. "Os empreendedores, Infraero, Mendes Júnior e Andrade Gutierrez, inclusive encaminhavam relatórios regulares da obra", lembra. "O assoreamento da Lagoa, por exemplo, que poderia ter acontecido com a descida de terra da obra, foi evitado".

O local guarda preciosidades ambientais como o Córrego Samambaia, Lagoa do Sumidouro, e várias grutas entre elas a da Lapinha, dos Cristais e a Gruta do Sumidouro.